

Onde está o professor do ensino superior?

Luciano Hoeltz¹

A educação se apresenta como resposta para incontáveis problemas de ordem social e econômica. Não é apenas um discurso retórico daqueles que almejam tirar proveito da reprodução massiva de uma das verdades mais absolutas da existência humana: o conhecimento é a fonte do desenvolvimento e do progresso da sociedade. Não é apenas um jargão eleitoreiro ou politicamente correto. A educação de fato produz pessoas maiores. Sim, me refiro a pessoas maiores de modo figurado e, ao mesmo tempo, literal. Pessoas maiores em sua capacidade de compreender o mundo, maiores em seu repertório de saberes, maiores em dignidade de usufruir com propriedade seu discernimento das escolhas de cada dia, porque estão abastecidas de conteúdo.

Mas a educação é um arranjo complexo com múltiplos ambientes, momentos e propósitos combinados que, de maneira ininterrupta, se complementam ao longo de nossa trajetória como seres humanos. Seres ávidos por natureza a consumir conhecimento e manipular verdades distintas de modo a construir nossas próprias lições de vida. Sendo assim, como tratar a educação sem antes classificá-la? Ou como reconhecer os antecessores da educação a fim de analisar formas de torná-la mais eficiente em nossos contextos?

Não sou teórico da educação, tampouco do ensino. Mas há um componente indissociável da educação e presente em quaisquer contextos de “ensinagem” ou aprendizagem. Este componente é o professor. E o professor é uma figura conhecida e pertinente ao meu universo, seja pela experiência como aluno seja como pelo laboratório laboral do exercício da função de ser professor. Por tal razão, este ensaio se volta a questionar onde está o professor? Onde está o maestro do conhecimento nesta era do saber democrático e ubíquo?

¹ Mestrando em Administração - PUCRS

Se hoje o acesso à informação está a um clique no buscador mais acessado no mundo, onde está o professor? Parece notável, no sentido de ser percebido, o professor da pré-escola quando preenche um espaço complementar ao papel dos pais na formação da criança. Nessa etapa, o professor se revela realmente em sua essência de guia e de facilitador de descobertas da criança das mais inusitadas e criativas maneiras de ensinar para um aluno que é puro na sua disposição de absorver tudo que lhe fora passado. No ensino fundamental e médio, o professor também se mostra explicitamente presente dentro de uma redoma em que o ritual da aula se faz valer: a sala. Em geral, é na sala de aula que o professor estabelece seu espaço de ordem e de difusão de conhecimento. É lá que o professor está, reside e resiste às complexidades inerentes à função de selecionar e compartilhar informações e saberes com os alunos ali também presentes fisicamente.

Mas onde está o professor do ensino superior neste contexto de ensino à distância (EAD), Wikipedia, Google e outros apetrechos tecnológicos que dispõem aos alunos acessos indiscriminados a conteúdos. Alunos que, por sua vez, dominam as artimanhas para obtenção de informações, porém muitas vezes carecem de algoritmos que decifrem as entrelinhas e a essência do conhecimento. Qual é o papel do professor do ensino superior neste cenário? Parece que é o mesmo papel daquele professor da pré-escola. Exatamente o mesmo ofício travestido de argumentos mais consistentes e compatíveis com a capacidade cognitiva dos alunos nesta etapa da vida, quando o sentido das coisas deve ser obrigatoriamente o motor de todo discurso docente. E que argumentos são estes? É algo nunca antes discutido arduamente pela academia ou pela classe. Não, definitivamente, não é, pelo menos em minha singela visão.

A educação se dá pela construção de conceitos inseridos em um propósito didático claro e previamente estabelecido. A educação transcende a transmissão de conhecimento e por tal razão óbvia o papel do professor universitário é o de maestro. O professor é aquele que instiga, que provoca, que compartilha muito mais que seu conhecimento teórico sobre a disciplina. O professor é maior em grandeza do que o Google. O Google é um recurso, assim

como os livros, os artigos, os vídeos e os slides de apoio. Nunca o professor será substituído. A profissão de professor é uma das mais antigas e mais nobres de nossa civilização, mas precisa ser revisitado. A postura do professor requer vigília constante.

Hoje, as fontes de informação são facilmente acessadas, então cabe ao professor do ensino superior se colocar no papel de difusor da ligação entre o mundo acadêmico e o mercado de trabalho. Na sala de aula, o professor deve facilitar a conexão da disciplina e do curso com a iminente vida profissional do aluno. Minha experiência vivida como aluno e de observador das práticas docentes me leva a crer que este viés do professor ainda não está cristalizado. Muitas vezes, o professor segue uma ementa ou um programa de ensino sem estabelecer os elos com a vivência da teoria fora da sala de aula. Dessa forma, o professor é sábio teórico, mas fica distante dos corações dos alunos. Muitas vezes, isso acontece sem a percepção do professor, o que é extremamente penoso ao processo de “ensinagem”.

É penoso porque atrasa o estabelecimento do principal motor que transforma “ensinagem” em aprendizagem: a motivação. É a motivação, um sentimento indivisível e indissociável do indivíduo, que dispara as enzimas presentes aos sentimentos da vontade e da disposição em despender energia em algo que valha a pena. Quando o interesse é despertado no aluno, a necessidade de saciar e de consumir conhecimento também aumenta. Quando o aluno percebe valor e sentido no objeto de seu aprendizado através da possibilidade de aplicá-lo em sua vida, a desacomodação acontece. É por ela que o aluno se movimenta mais ou menos intensamente rumo à aprendizagem.

Então seria plausível depreender que o professor universitário conheça a vida prática daquilo que ensina. Acredito que não. Isso exigiria dos professores que se tornassem algo que não são: contadores de histórias autorais. O professor precisa saber onde o conteúdo liga a atividade profissional e isso pode ser também aprendido pelo próprio professor. Talvez o novo professor precise articular o ensino em rede – uma rede de saberes e de atores distintos e

complementares que juntos proporcionam uma melhor compreensão do contexto daquilo que é discutido em sala de aula.

A despeito do que fora supracitado, este professor existe e está presente em inúmeras salas de aula. Não obstante, é crível a necessidade de reforçar o impacto que suas palavras, seus gestos e sua acolhida causam em seus aprendizes. É uma função nobre, lembremos, por carregar um “passe livre” de mexer com a cabeça dos outros. Por tudo isso, o aclame deste ensaio é de reflexão (re-flexão) de todos que se dedicam à docência universitária para que se debrucem diariamente na busca da essência de ser professor. Esta essência, na minha mais modesta opinião, é a de ser um mensageiro fiel da educação.